

Batista Jr. critica a conversão

Rio — “Será mais um detalhe do requeio sistemático do Governo nas negociações da dívida externa”? A indagação é do economista Paulo Nogueira Batista Jr., da Fundação Getúlio Vargas, sobre a proposta que o Conselho Monetário Nacional poderá aprovar hoje — conforme revelação do ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega —, de desvincular a conversão da dívida externa em investimento de capitais de risco, da subscrição de bônus pelos credores.

Nogueira Batista Jr., que na gestão do ex-ministro da Fazenda, Dilson Funaro, foi assessor para negociação da dívida externa, acrescentou que um dos aspectos positivos do projeto da conversão da dívida externa em investimentos de risco era sua vinculação com a securitização. “Ao que parece, o Governo está disposto a eliminar essa vinculação e isto, num con-

texto maior, é o atendimento de uma série de reivindicações dos credores externos”, acentuou o economista.

Lembrou que, por outro lado, a pressão externa se combina com a interna — não só das bolsas de valores, como de outros segmentos — para agilização da conversão da dívida externa. Nogueira, que como negociador da dívida externa defendeu, na gestão Funaro, um endurecimento do Brasil com seus credores, agora aguarda a decisão final do CMN, que segundo o ministro Mailson da Nóbrega, poderá representar uma “descomplicação” da conversão e sua deflagração, de fato.

Já o economista e professor do Instituto de Economia Industrial da UFRJ, Francisco Eduardo Pires de Souza, manifestou-se contrário à proposta da conversão da dívida em investimentos, em capitais

de risco, porque, a seu ver, ela tem vários efeitos negativos na economia. Por exemplo, provoca a expansão da base monetária a tal ponto, que pode levá-la a uma explosão.

Segundo Pires de Souza, como o motivo da conversão é o deságio, do ponto de vista do balanço de pagamentos, este também pode vir a ser prejudicado. O prejuízo adviria de talvez existir o interesse das empresas em remeter dólares para o exterior, para depois comprar títulos lá, com deságio, e ent-ão reinvestir no Brasil, pelo mecanismo da conversão. Como na hora de converter não entram dólares — alertou — a balança de pagamentos corre o risco de ser comprometida. Segundo Francisco Eduardo Pires de Souza, mesmo o México, que era considerado um caso de sucesso de conversão da dívida, começou a limitar esse mecanismo.